

EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA UM TURISMO SUSTENTÁVEL ENVIRONMENTAL EDUCATION FOR SUSTAINABLE TOURISM

Eugénio dos Santos Neves
Universidade de São Tomé e Príncipe
egneves@hotmail.com

Maria do Nascimento Esteves Mateus
Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação
mmateus@ipb.pt

Resumo

Este estudo sobre *Educação ambiental para um turismo sustentável* visa desenvolver uma consciência ambiental dos guias turísticos, levando-os a desempenhar um papel ativo na construção de um turismo sustentável. A questão se os guias turísticos de São Tomé e Príncipe (STP) podem contribuir para o desenvolvimento de uma educação ambiental para um turismo sustentável, permitiu a definição de objetivos que visam verificar que tipo de formação os guias turísticos de STP têm para o exercício da sua atividade profissional e compreender o seu papel na promoção de uma consciência ambiental para um turismo sustentável. Uma metodologia qualitativa, apoiada numa análise de conteúdo de duas entrevistas semiestruturadas e individuais e uma ação de formação sobre o tema, aplicadas a três guias turísticos da Associação de Guias de Turismo de STP e a três da Associação Monte Pico, selecionados de forma intencional, permitiram clarificar a questão e os objetivos definidos.

Palavras - chave: *educação ambiental; guias turísticos; turismo sustentável.*

Abstract

This study on environmental education for sustainable tourism aims to develop an environmental conscience of the tour guides, leading them to play an active role in building a sustainable tourism. The question of whether the tour guides of Sao Tome and Principe (STP) can contribute to the development of environmental education for sustainable tourism, allowed the definition of objectives aimed at what kind of training the STP tour guides have for the exercise of their professional activity and understand their role in promoting environmental awareness for sustainable tourism. A qualitative methodology, supported by a content analysis of two semi-structured and individual interviews and a training action on the subject, applied to three tour guides STP Tourist Guides Association and three of the Association Monte Pico, selected intentionally, have clarified the issue and set goals.

Keywords: *environmental education; tourist guides; sustainable tourism.*

Introdução

A educação ambiental, segundo Neiman & Rabinovici (2002) tem como objetivo a formação de pessoas conscientes do seu papel e da sua relação com o meio ambiente de forma que gerações presentes e futuras possam usufruir racionalmente dos recursos naturais, pelo que

O conjunto dos actores do desenvolvimento turístico têm o dever de salvaguardar o ambiente e os recursos naturais, na perspectiva de um crescimento económico são, contínuo e sustentável, capaz de satisfazer equitativamente as necessidades e as aspirações das gerações presentes e futuras (OMT, 1999, p. 7).

A prática de um turismo sustentável ganha em São Tomé e Príncipe (STP) uma forte pertinência e atualidade, na medida em que é um país dotado de potencialidades únicas ao nível

dos ecossistemas, da cultura, da história, da gastronomia, pelo que reúne condições propícias e assumir um papel importante na estrutura económica através da captação de recursos financeiros para gerar riqueza e estruturas de desenvolvimento. Um dos seus objetivos é procurar estabelecer uma relação harmoniosa entre as vontades dos turistas e o que pode ser oferecido localmente, estimulando o desenvolvimento da atividade em consonância com a sociedade local envolvida.

Quando falamos de turismo não podemos ignorar os guias turísticos e o papel que os mesmos podem e devem desempenhar na promoção de uma consciência ambiental, fomentando uma participação mais ativa da população, tornando-a corresponsável na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental.

A formulação da questão - problema - Poderão os guias turísticos de STP contribuir para o desenvolvimento de uma educação ambiental para um turismo sustentável? -, permitiu – nos definir os seguintes objetivos:

- Verificar que tipo de formação os guias turísticos de STP têm para o exercício da sua atividade profissional.

- Compreender o papel dos guias turísticos na promoção de uma consciência ambiental para o desenvolvimento de um turismo sustentável.

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e os instrumentos de recolha de dados foram a aplicação, a três guias da Associação Monte Pico (AMP) e a três guias da Associação de Guias Turísticos de São Tomé e Príncipe (AGTSTP), de duas entrevistas semiestruturadas e individuais, E1 e E2, tendo esta sido realizada após uma ação de formação, surgida da necessidade dos guias aprofundarem temáticas relacionadas com educação ambiental.

O tratamento da informação foi feito através de uma análise de conteúdo, que permitiu obter respostas para clarificar a questão - problema e confirmar os objetivos e cuja apresentação e análise será feita apresentando uma síntese baseada nos dizeres dos entrevistados.

Serão apresentadas considerações finais sobre o estudo realizado, onde uma análise crítica revelará em que medida a questão formulada e os objetivos do estudo foram alcançados, quais os aspetos mais ou menos clarificados e que sugestões poderão ser dadas para que a formação de guias turísticos orientada para uma educação ambiental vise um turismo sustentável em STP.

Educação ambiental para um turismo sustentável

A educação ambiental, de acordo com Trein (2008) visa um desenvolvimento sustentável, com práticas orientadas para a melhoria da qualidade do meio ambiente, o que se traduz na qualidade de vida da comunidade e deve incentivar uma participação social na forma de uma ação política, aberta ao diálogo e atenta às contradições existentes entre a teoria e a prática, quando se trata de projetos sociais. Mas são importantes as condições para que os grupos sociais intervenham na gestão dos recursos ambientais e na tomada de decisões que, de uma forma ou de outra, possam afetar o ambiente natural ou construído. A educação ambiental é, no dizer de Santos & Santos (2011) uma forma de consolidação para uma consciência ecológica e uma prática efetiva do turismo sustentável em áreas de proteção ambiental.

Mas,

Entende-se, em geral, a Educação Ambiental como um processo de aprendizagem permanente que procura incrementar a informação e o conhecimento público sobre os problemas ambientais, promovendo, simultaneamente, o sentido crítico das populações e a sua capacidade para intervir nas decisões que, de uma forma ou de outra, afectam o ambiente e as suas condições de vida. Este processo pretende-se, portanto, continuado e compreensivo, permitindo uma interpretação integrada do ambiente que incorpore o próprio lugar dos cidadãos no complexo sociedade-ambiente e as consequências das suas actividades no ecossistema (Guerra & Nave, 2008, p. 3).

Desenvolver o turismo de forma sustentável implica ações que sejam socialmente justas, economicamente viáveis e ecologicamente corretas, isto é, que atendam às necessidades económicas, sociais e ecológicas da sociedade.

A infraestrutura deve ser concebida e as atividades turísticas programadas de forma que seja protegido o património natural constituído pelos ecossistemas e pela biodiversidade, e que sejam preservadas as espécies ameaçadas da fauna e da flora selvagens. Os agentes do desenvolvimento turístico, principalmente os profissionais, devem permitir que sejam impostas limitações ou obstáculos às suas atividades, quando elas forem exercidas em zonas particularmente sensíveis (...) (OMT, 1999, Artigo 3º do Código Mundial de Ética do Turismo).

Um turismo sustentável tem a preocupação com a quantidade de pessoas que visitam um determinado local e no planeamento e na gestão devem ter presentes as questões ambientais, culturais e sociais, de forma a minimizar efeitos nefastos a nível económico e social. Todo o empreendedor turístico pode contribuir para o desenvolvimento sustentável do turismo, gerando benefícios para as populações locais e para os seus clientes, planeando e gerindo estruturas compatíveis com o meio ambiente.

O turismo de natureza e o ecoturismo têm um papel importante no desenvolvimento do turismo sustentável, desde que apoiados por políticas públicas e por um comprometimento responsável das empresas, na medida em que se desenvolvem em harmonia com a natureza. A atual importância destas modalidades não está apenas baseada na variável económica, mas no seu potencial educativo e de conservação da natureza. Apesar de no mercado ecoturístico os aspetos económicos imediatistas se sobreporem aos aspetos sociais, culturais e ambientais, uma educação ambiental pode ser uma ferramenta para a promoção do desenvolvimento sustentável do ecoturismo, sem que essa atividade deixe de ser valorizada economicamente.

Uma educação para o turismo ambiental, segundo Ruschmann (1997) é possível através de programas não formais, convidando o cidadão-turista a uma participação consciente na proteção do meio ambiente, não apenas durante as férias mas também no quotidiano e no local de residência permanente.

De acordo com Pires (1998) o ecoturismo apresenta-se hoje como uma das principais alternativas para o desenvolvimento sustentado nos destinos turísticos do mundo, em especial em regiões e países de economia mais frágeis, embora para Lindberg & Hawkins (1995) seja considerado como um novo e promissor instrumento para preservar áreas naturais frágeis e ameaçadas e como um meio para propiciar oportunidades para o desenvolvimento das comunidades dos países em desenvolvimento. Ao proporcionar ao turista uma relação direta com a natureza, tendo sempre presente uma educação ambiental e um desenvolvimento económico sustentável, a sua otimização depende da interligação entre os atores envolvidos e os espaços onde a prática é desenvolvida.

As potencialidades turísticas identificadas e reconhecidas às ilhas de STP, segundo Brito (2004) centram-se na associação entre as especificidades ambientais, marcadas pela diversidade e pelo endemismo e os traços socioculturais reforçados pela tradição e pelo costume, assim como pela ancestralidade das práticas.

A atividade turística poderá constituir-se como um motor da atividade económica, ajudando à redução das assimetrias de desenvolvimento existentes, poderá ser uma oportunidade para revitalizar os territórios e melhorar a qualidade de vida das populações. Muitos dos recursos naturais, culturais (materiais e imateriais) e paisagísticos, constituem uma mais-valia para o desenvolvimento do turismo e traduzem-se em benefícios económicos para as populações locais. Como resultado da própria economia do turismo podem existir mais oportunidades indiretas e diretas de emprego, ao nível do transporte, alojamento, *catering* e entretenimento. A indústria do ecoturismo só terá sucesso se os recursos naturais forem protegidos, se houver uma estratégia correta de gestão e se os representantes governamentais, empresários e as

comunidades locais assumirem o papel de liderança no processo de formação do produto ecoturístico.

O planeamento bem organizado, criativo e responsável de um roteiro ecoturístico, gera benefícios ambientais e socioeconómicos a todas as pessoas envolvidas, aumentando a consciência ambiental da comunidade e dos visitantes, minimizando os impactos negativos que o ecoturismo pode trazer para a localidade recetora. Wall & Mathieson (2006) referem que os lucros resultantes da atividade empresarial podem permanecer numa pequena parte da população local, mas *os benefícios indiretos da melhoria dos serviços económicos e sociais têm sido suficientes para contradizer os criticismos de alguns observadores* (p. 140) e numa perspetiva de *marketing*, o património cultural permite que os destinos tenham uma atração única, que os diferencia das outras regiões e países (Cegielski *et al.*, 2008).

O turismo é uma das atividades económicas mais importantes do mundo e uma das que mais cresce e no dizer de Neiman & Rabinovic (2002) *é um segmento que utiliza de forma sustentável o património natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas* (p. 154).

Do ponto de vista sociocultural, o turismo é no dizer de Brito (2004) simultaneamente uma atividade e uma prática, que resulta do contacto entre atores diferenciados, caracterizados por culturas distintas. Para as comunidades de acolhimento, o turismo é perspetivado como uma alternativa socioeconómica, enquanto que o turista concebe a viagem como uma oportunidade de usufruir de momentos únicos e excecionais num contexto diferente do de residência habitual e por um período de tempo pré-definido.

Dada a dependência das comunidades em relação ao meio, Brito (2007) afirma que a preocupação com a preservação ambiental e com a proteção de espécies tem sido muitas vezes secundarizada no arquipélago de STP. Apesar de marcada por uma irregularidade de ações, a consciencialização para o problema da fragilidade ambiental tem aumentado em STP, sendo exteriorizada através de reflexões, debates, diagnósticos e alertas, mas também pela implementação de ações enquadradas em programas temáticos de preservação, de conservação e de proteção de espécies. Estas ações, que frequentemente revestem um caráter informal, enquadram-se em programas de educação ambiental, desenvolvidos junto das comunidades mas também servem de pressão junto dos representantes do poder instituído.

Em STP,

apesar das áreas protegidas estarem claramente definidas, a regulamentação de enquadramento que garanta o desenvolvimento de ações sectoriais de preservação e de conservação é muitas vezes inexistente e, quando existe é marcada pela inadequação às necessidades reais. Dada a estreita ligação entre as

comunidades locais e o ambiente, que nele reconhecem de forma prioritária e imediata um valor utilitarista, as áreas protegidas são, em determinadas circunstâncias, e com frequência, confrontadas com ameaças várias que colocam em risco o equilíbrio ambiental, a sustentabilidade e o bem estar social no longo prazo (Brito, 2004, p.74).

A relevância do turismo explica a vontade das autoridades santomenses em implementar uma mentalidade direcionada para a preservação e conservação dos recursos naturais, tanto em termos institucionais como em termos populacionais. O projeto do Parque Natural Obô, a recente decisão da introdução dos programas de educação ambiental nas escolas e o desenvolvimento do ecoturismo como o tipo de turismo que mais se adapta às características do arquipélago, são alguns dos exemplos dessa vontade política.

Guia turístico e formação profissional para um turismo sustentável

A atividade como guia turístico está ligada ao serviço de orientação, acompanhamento e transmissão de informações aos turistas.

O guia na realidade é muito mais do que um mero acompanhante ou orientador. Trata-se de um artista que sabe conferir cor e calor, a uma paisagem, de um mágico capaz de dar vida às pedras milenares, de um acompanhante que consegue que os maiores distâncias pareçam curtas, de um profissional, que torna possível que nos sintamos como em nossa própria casa no interior de um arranha-céus hoteleiro ou de uma cabana africana (Chimenti & Tavares, 2007, p. 19).

Perez (2009) destaca o guia turístico como um mediador entre os locais e os visitantes. Através das suas visitas guiadas constrói o olhar do turista e localiza o destino de modo a construir o sonho. É um representante da cultura local, vende imagens, conhecimentos, contactos, *souvenirs*, ... é um ator, que segundo Valle (2004) com o seu conhecimento, interpretação e habilidades de comunicação das atrações e destinos, divulga a realidade local orientando o turista a desfrutar adequadamente das belezas paisagísticas e da cultura local.

De acordo com Chimenti & Tavares (2007) é importante reconhecer a importância que o guia de turismo tem no produto turístico, pois é um agente capaz de multiplicar o turismo, orientar os turistas, enriquecer a cultura destes, bem como cuidar do património natural, histórico e cultural, justamente por ter uma formação pautada na sustentabilidade e na ética.

Em STP a atividade de guias de turismo está ainda em fase de estruturação. Segundo a Associação de Guias de Turismo de São Tomé e Príncipe (AGTSTP) existem cerca de três dezenas de guias de turismo em todo o país. Todos exercem a profissão de forma informal e não têm formação profissional e por isso ainda não são certificados pelo Ministério do Turismo, Comércio e Indústria. Para tentar inverter esta situação e por força do crescimento do turismo no país, nasceram duas Associações ligadas ao setor de Guias de Turismo, a Associação Monte

Pico (AMP), em 2006 e Associação dos Guias de Turismo de São Tomé e Príncipe (AGTSTP), em 2012. Estas associações têm feito esforços para promover o turismo e a valorização da classe dos guias de turismo e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento do setor. Entretanto, muitos problemas ainda existem ligados, nomeadamente, à falta de meios para implementar os seus projetos. Segundo o Ministério do Turismo, Comércio e Indústria está em curso um amplo programa de regularização, formação e certificação dos guias turísticos de STP. Cada vez mais o papel do guia de turismo se tem diferenciado e ultrapassado o estereótipo de informalidade e improvisado. Em STP esta realidade tarda a chegar apesar muitas vontades.

Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo foi de natureza qualitativa, em que uma análise de conteúdo permitiu obter as respostas, através da elaboração e aplicação de duas entrevistas semiestruturadas e individuais, Entrevista (E1) e Entrevista (E2), sendo esta aplicada após uma ação de formação sobre conceitos e práticas ambientais, como forma de completar algumas das lacunas detetadas nas respostas obtidas por E1.

O guião da E1 era constituído por três grupos a que correspondem 3 categorias, subdivididas em várias subcategorias. O guião da E2 era constituído por dois grupos a que correspondem 2 categorias, também subdivididas em várias subcategorias.

O guião de cada entrevista foi previamente elaborado, visando obter respostas para a questão e os objetivos formulados, obedeceu a alguns critérios e etapas, tendo em conta a seleção da amostra, o perfil dos indivíduos a entrevistar, a apresentação gráfica e finalmente a sua validação pela análise crítica de dois juizes, que propuseram algumas alterações de forma a tornar mais compreensível e adequada a ligação à questão e aos objetivos propostos.

Por um lado, pretendia-se verificar que tipo de formação os guias turísticos de STP têm para o exercício da sua atividade profissional, enquanto elos de ligação entre o turista e o produto turístico local e por outro lado compreender o papel dos guias turísticos na promoção de uma consciência ambiental para o desenvolvimento de um turismo sustentável.

A ação de formação, constituída por vários módulos, foi uma opção pedagógica que de acordo com Bell (1993) corresponde a uma metodologia de intervenção que visa a resolução de um problema real e específico, com ações planificadas, que implicam reflexões e avaliações, conduzidas pelos agentes envolvidos, a fim de entender e/ou modificar as conceções alternativas dos sujeitos face a um problema em estudo. Neste caso concreto resultou da necessidade de uma formação sobre conceitos e práticas ambientais como forma de completar algumas das lacunas detetadas nas respostas obtidas por E1, como já referido anteriormente

Caracterização da amostra

A amostra deste estudo é constituída por seis guias de turismo santomenses selecionados de forma intencional, três guias da AMP, a quem foram atribuídos os códigos GAMP1, GAMP2, GAMP3 e três da AGTSTP, a quem foram atribuídos os códigos GAGTSTP1, GAGTSTP2 e GAGTSTP3.

Os critérios para seleção dos seis guias foram ser maior de idade e membro da AMP e da AGTSTP, tentando ir de encontro ao preconizado por Burgess (1997) que tem em conta a ocupação, a ligação a uma associação profissional e o nível de instrução.

Todos os guias entrevistados apresentam, sensivelmente, a mesma média de idades, 33 anos, um nível de instrução reduzido, não exercem a atividade de forma exclusiva, acumulando essa função com outras profissões, a fim de garantirem um salário mínimo que sirva de sustento da família.

Apresentação e análise dos dados obtidos após análise de conteúdo

A categoria A - Legitimação e motivação da entrevista, com a subcategoria A1 - Confidencialidade e questões éticas foram apresentadas na E1 e na E2, como forma de garante de não identificação dos entrevistados e das suas respostas.

Para E1 foram definidas as categorias e subcategorias a seguir analisadas.

Quanto à categoria B - Formação académica e atividade profissional, com as subcategorias B1. Atividade profissional, B2. Tempo de trabalho como guia turístico e B3. Formação para o exercício de atividade como guia turístico, concluiu-se que todos os guias entrevistados acumulam a função de guia turístico com a profissão de agricultor, motorista, professor ou comercial. Os guias da AGTSTP exercem a atividade de guia, em média, três a quatro dias por semana. Os da AMP praticam a atividade de forma pontual, sempre que são contactados para o efeito. A maioria dos guias não tem formação profissional específica, continuada e adequada para o exercício de atividade.

Apenas um dos guias da AMP disse ter algumas formações em botânica, ornitologia e algumas técnicas para guiar os visitantes ao Jardim Botânico e ao Parque Obô.

É, pois, uma atividade exercida de forma informal e bastante irregular.

No que respeita à categoria C - Educação e práticas ambientais, com as subcategorias C1. Relação da formação dos guias turísticos com a educação ambiental e C2. Práticas utilizadas, no terreno, pelos guias turísticos de STP, concluiu-se que a falta de conhecimentos sobre educação ambiental e turismo sustentável é uma lacuna, mas os guias são agentes capazes de orientar os turistas, cuidar do património natural, histórico e cultural, e devem ser apoiados por uma

formação pautada na sustentabilidade e na ética. Apenas um guia declara não trabalhar, na prática, as questões ligadas ao ambiente, apesar das dificuldades que todos sentem na abordagem deste tema. Este mesmo profissional pede ajuda a especialistas para abordar temas que exigem conhecimentos mais precisos, ligados ao meio - ambiente, como uma visita ao Jardim Botânico do Bom Sucesso. Os guias da Associação Monte Pico revelam maior vocação para sensibilizar os turistas para os problemas ambientais existentes em STP e para a necessidade da preservar os recursos naturais existentes e ameaçados, mas sentem a falta de uma formação mais direcionada e continuada.

É evidente, que apesar de mostrarem vontade no envolvimento com questões ambientais, os guias entrevistados sentem dificuldades na transmissão dos seus conhecimentos de forma mais profissional e reclamam por mais preparação.

Quanto à categoria D - Papel dos guias turísticos na promoção do turismo ambiental sustentável, com a subcategoria D1. Função dos guias turísticos de STP, todos revelaram que têm conhecimentos ajustados sobre a sua função na promoção do país e de um turismo sustentável e todos têm a consciência do impacto positivo que o seu trabalho tem nos visitantes/turistas.

Para E2, entrevista realizada após uma ação de formação para colmatar as lacunas que os guias diziam sentir a nível das temáticas em análise, as categorias e subcategorias definidas e analisadas foram as que a seguir são apresentadas.

No que respeita à categoria B - Educação e práticas ambientais, com as subcategorias B1. Aspectos históricos e culturais de STP, B2. Conceitos de educação ambiental e turismo sustentável e B3. Técnicas e práticas profissionais para todos os guias, o enquadramento histórico bem como a valorização de uma cultura viva, onde se integra a língua e outras manifestações, é uma mais-valia para a promoção de um turismo ambiental sustentável em STP. Referem que os aspetos históricos e culturais, a herança identitária, o património e as tradições devem ser enaltecidos, promovidos e protegidos para poderem constituir um atributo válido na promoção do turismo local. A maioria considera que a aquisição dos conceitos de educação ambiental e de turismo sustentável permitiu melhorar a sua prática profissional e o seu desempenho. Os guias da AMP dizem que a aquisição dos conhecimentos, obtidos pela ação de formação, permitiu uma atualização, um reforço e uma melhoria dos mesmos.

São unânimes em considerar que os conhecimentos sobre questões ambientais facilitaram uma melhoria profissional, pois passaram a ser mais conhecidos pelos serviços públicos e tornaram-se mais pro ativos. A formação melhorou a visão sobre o que é a sua função, enquanto elo de ligação entre o turista e o produto turístico local. Passaram a compreender melhor os

problemas ambientais que assolam STP e o mundo. Tomaram consciência da poluição, do abate descontrolado de árvores, da captura abusiva e descontrolada de animais, entre outros. Passaram a estar mais cientes da responsabilidade na mudança do comportamento dos turistas e dos santomenses em prol de um turismo sustentável e todos se sentem mais preparados para, no exercício da sua atividade profissional, contribuírem para o desenvolvimento da cidadania.

Considerações finais

A metodologia utilizada permitiu dar resposta à questão formulada e à consecução dos objetivos propostos, pelo que, de forma sucinta, é possível tecer algumas considerações finais. Assim, constatou - se quanto à formação académica e à utilização de práticas ambientais consentâneas com um turismo sustentável que cinco dos seis guias não tinham formação teórica adequada para o exercício da atividade profissional. Sentem grandes dificuldades na transmissão de conhecimentos precisos sobre as práticas da educação ambiental, mas têm consciência da sua função na promoção de turismo ambiental sustentável, em STP, sendo generalizada a necessidade de formação sobre práticas de educação ambiental para um turismo sustentável. Consideram que é tão importante preparar os locais visitados como preparar as pessoas para conhecerem esses locais, no sentido de respeitar a natureza e desenvolver um turismo responsável. A ação de formação serviu para melhorar a educação, as práticas ambientais e, conseqüentemente, o desempenho dos guias santomenses. Mesmo para os guias que já dispunham de algumas noções sobre educação ambiental, a aquisição desses conhecimentos permitiu uma atualização, um reforço e uma melhoria da sua atuação no terreno.

Esta investigação é um contributo para a introdução da educação ambiental no setor do turismo, como forma de melhorar as práticas dos profissionais do setor, chamar a atenção das pessoas e das autoridades competentes para a promoção do desenvolvimento económico de que STP tanto precisa, preservando a sua riqueza ambiental.

Há em São Tomé e Príncipe muito que fazer, em termos de políticas públicas e de comprometimento das empresas, para uma efetiva sustentabilidade do turismo.

Referências bibliográficas

- Bell, J. (1993). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Brito, B. (2007). Turismo em São Tomé e Príncipe: potencialidades e constrangimentos do segmento ecológico. *Juristep Bulletin*, 12, (3), 1-13.
- Brito, B. (2004). *Turismo Ecológico: uma via para o Desenvolvimento sustentável em São Tomé e Príncipe*. Tese de doutoramento em Turismo. Lisboa: ISCTE.

- Burgess, R. (1997). *A Pesquisa no Terreno: Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Cegielski *et al* (2008). *Economic Value of Tourism to Places of Cultural Heritage Significance - A Case Study of Three Towns with Mining Heritage*.
<http://www.crctourism.com.au/wms/upload/Resources/bookshop/MiningHeritage.pdf> (Acedido em 29/04/ 2015).
- Chimenti, S. & Tavares, A. (2007). *Guia de Turismo: O profissional e a profissão*. São Paulo. Editora Senac.
- Guerra, S. & Gil, N. (2008). Educação Ambiental em Portugal: Fomentando uma Cidadania Responsável. In Associação Portuguesa de Sociologia (org.), VI Congresso Português de Sociologia: Mundos sociais: saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. N° de Série 681, 1-222.
<http://www.aps.pt/cms/imagens/ficheiros/FCH48506883ecd35.pdf> (Acedido em 22/05/2015).
- Lindberg & Hawkins (1995). *Ecoturismo um Guia para Planeamento e Gestão*. São Paulo: Editora Senac.
- Neiman, Z. & Rabinovoci (2002). O cerrado como instrumento para educação ambiental em atividades de ecoturismo. In Neiman, Z. (Org). *Meio ambiente, educação ambiental e ecoturismo*. São Paulo: Manole.
- OMT (1999). *O turismo, factor de desenvolvimento sustentável. Artigo 3º do Código Mundial de Ética do Turismo*. Portugal: DGT. ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf (Acedido em 25/03/2015).
- Pérez, X. (2009). Turismo Cultural. Uma Visão Antropológica. *PASOS- Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, (2), 1-309.
- Pires, P. S. (1998). A dimensão conceitual do ecoturismo. *Turismo – Visão e ação*. VI (1), 75-91.
<http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1392/1095> (Acedido em 27/05/2015).
- Ruschmann, D. (1997). *Turismo e planeamento sustentável*. São Paulo: Papirus.
- Santos, S. R. & Santos, P. C. (2011). Contribuições da Educação Ambiental para o Turismo Sustentável na APA do Maracanã, São Luís (Maranhão, Brasil). In *Turismo e Sociedade - Revista Eletrónica*, 4, (2), 265-285,
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/turismo/article/view/24763/16601> (Acedido em 28/04/2015).
- Trein, E. S. (2008). A perspectiva crítica e emancipatória da educação ambiental. In *Salto para o Futuro*, 1, 41-45.

- Valle, I. A. (2004). *O guia de turismo: conhecendo o passado e o presente para projetar o futuro*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Turismo. UESC. Ilhéus-BA.
- Wall, G. & Mathieson, A. (2006). *Tourism- Change, Impacts and Opportunities*. England: Prentice Hall.